

ATIVISMOS possíveis

ARTE, CRIATIVIDADE E TRANSFORMAÇÃO SOCIAL:
uma cartilha para fortalecer ativismos jovens por
igualdade de gênero

**SOMOS
FORÇA
QUE
ABRE
CAMINHOS**

Índice

- (06) **Prefácio**
- (08) **Introdução**
- (10) **Esse guia é para quem?**
- (11) **Como usar o material**
- (12) **Metodologia**
- (14) **Artivismos possíveis:
Raça, Gênero e Território**
Raça (16) Gênero (30) Território (46)
- (60) **Agradecimentos**
- (62) **Material de apoio**

Prefácio

Este guia metodológico foi criado coletivamente por 10 jovens artistas moradoras das Favelas da Maré e do Complexo do Alemão, no Rio de Janeiro, e acontece como resultado do projeto Ativismo Feminista entre Jovens no Brasil (FAYB), um projeto de pesquisa que busca compreender e fortalecer o papel do ativismo feminista jovem na prevenção da violência baseada em gênero, a partir de práticas artísticas, culturais e criativas no Brasil e no Reino Unido.

Ao longo de um ano, este grupo de jovens encontraram-se semanalmente para trocar experiências, compartilhar vivências e construir, de forma coletiva, processos criativos voltados ao fortalecimento da igualdade de gênero, da garantia de direitos e da transformação social em comunidades periféricas e outros territórios. A partir da arte, da escuta e da criação conjunta, o grupo experimentou metodologias e práticas capazes de fomentar reflexão crítica, mobilização e ação coletiva entre jovens.

Esse projeto também se insere em uma trajetória de mais de uma década de pesquisas sobre gênero, desigualdades e territórios conduzidas pela professora Cathy McIlwaine, em colaboração com a Redes da Maré e a Casa das Mulheres da Maré e outras organizações nacionais e internacionais.

O guia reúne aprendizados construídos ao longo desse processo coletivo, a partir das experiências das jovens pesquisadoras e artistas, oferecendo caminhos metodológicos que possam inspirar educadores, facilitadores e organizações a desenvolver práticas formativas sensíveis aos territórios e comprometidas com justiça social, cuidado e autonomia.

O projeto é realizado em parceria entre King's College London, WOW - Women Of the World, Redes da Maré, People's Palace Projects e Queen Mary University of London, com financiamento do Arts and Humanities Research Council.

Boa leitura e reflexão!



Introdução

A história do Brasil é marcada por processos de resistência popular, nos quais mulheres negras e periféricas desempenharam e seguem desempenhando papéis fundamentais na luta por direitos. O conjunto de favelas da Maré, o maior do Rio de Janeiro, e o Complexo do Alemão, outro território emblemático de organização comunitária, carregam em suas trajetórias a força da ação coletiva e do ativismo liderado por mulheres que, ao longo das décadas, desafiaram desigualdades estruturais e construíram redes de luta e cuidado para a defesa da vida, do território e dos direitos.

Desde o enfrentamento à violência estatal até a conquista de serviços básicos, como saneamento e eletricidade, as histórias de luta das mulheres da Maré e do Alemão são exemplos de ativismo comunitário que não apenas garantem melhorias nas condições de vida, mas também produzem formação política.

Pensar o ativismo nesses territórios significa reconhecer que a resistência nasce no cotidiano, no enfrentamento das injustiças e na invenção de estratégias coletivas para a transformação social. Tanto a Maré quanto o Alemão são territórios de disputa, mas também de criação, onde a arte se entrelaça à política como ferramenta de denúncia, mobilização e valorização da identidade e da memória locais.

Neste contexto o **Jovens Artivistas** nasceu, nome dado pelas próprias jovens pesquisadoras. A iniciativa fortalece a tradição de luta nos territórios populares por meio da arte, criando um espaço em que teoria e prática se encontram, mas onde a expressão artística ocupa lugar central. Reunindo jovens da Maré e do Complexo do Alemão, o projeto reafirma a potência do diálogo entre favelas e a construção de pontes de afeto, cuidado e ação política.

As participantes, com idade entre 15 a 20 anos, desenvolveram oficinas de colagem, arte de rua, dança, teatro e outras linguagens, refletindo sobre temas como justiça reprodutiva, racial e climática, além de formação política. As oficinas se configuraram como espaços de troca, onde a arte se converte em instrumento de criação e fortalecimento de identidades coletivas.

A experiência se insere em uma longa trajetória de resistência das mulheres negras e periféricas, que historicamente enfrentam desigualdades estruturais e constroem redes de cuidado e defesa do território.

O processo das **Jovens Artivistas** demonstra que a arte, quando vinculada à luta política, é capaz de abrir caminhos de transformação nos territórios populares. Ao reunir jovens da Maré e do Alemão em um mesmo processo de criação, o projeto reafirma que a resistência é também uma prática de **coletividade**, que se fortalece no compartilhamento de saberes, dores, conquistas e experiências. Nesse sentido, cada oficina deixa de ser apenas um espaço de produção estética para se tornar um **laboratório de justiça e cuidado coletivo**, em que as vozes das meninas e mulheres são reconhecidas como centrais na construção de um futuro mais digno.

Se a história das mulheres negras e periféricas sempre esteve marcada pelo enfrentamento das desigualdades estruturais, o protagonismo das Jovens Artivistas dá continuidade a esse legado, mas também o reinventa: através da arte, as jovens não apenas narram sua realidade, mas produzem **novas possibilidades** de existir nos territórios que habitam. Ao final, o que se afirma é um horizonte de luta e criação, no qual justiça, cuidado e memória caminham juntas, fortalecidas pela ação coletiva que as jovens mulheres constroem hoje.

Este guia é pra *quem*?

Este guia foi pensado pela equipe de **Jovens Artistas** focando em educadores, professores, facilitadores e pessoas que trabalham com jovens em diferentes contextos educativos, como escolas, projetos sociais, coletivos culturais e organizações da sociedade civil. As atividades e reflexões aqui propostas podem ser utilizadas em salas de aula, oficinas, grupos comunitários ou espaços de formação juvenil, adaptando-se às realidades e necessidades de cada território.

Ao mesmo tempo, o guia também foi desenvolvido para jovens que desejam se organizar coletivamente, refletir sobre suas experiências e buscar caminhos para enfrentar desigualdades e violências em seus contextos. Ao longo do material, são apresentados diferentes temas que podem ser explorados para promover diálogo, ampliar percepções e estimular a reflexão crítica entre jovens.

A proposta é oferecer ferramentas simples e acessíveis que apoiem processos de conversa, criação artística, conscientização e mobilização social.

Como *usar* este guia

O guia foi desenvolvido para apoiar processos formativos de forma flexível, respeitando o contexto, o tempo disponível e as características de cada grupo que irá usá-lo. Ele está organizado em torno da *Metodologia da Caixa* – criada juntamente com a artista e facilitadora Dayana Sabany durante o processo – e traz atividades ligadas aos temas Raça, Gênero e Território, além de referências artísticas que podem ajudar a ampliar conversas e adaptações ao longo do processo.

As atividades propostas têm duração de cerca de 2 horas e incluem momentos de acolhimento e sensibilização, rodas de conversa, perguntas para reflexão, produções ou intervenções artísticas individuais e coletivas. O material pode ser usado em sequência ou de forma parcial com atenção ao ritmo do grupo, às dife-

renças entre participantes, faixa etária e ao território em que a atividade acontece. O material foi pensado para atividades com crianças, adolescentes e jovens acima dos 10 anos de idade, mas a adaptação para outras faixas etárias também é possível.

Ao utilizar este material, é importante cultivar escuta, cuidado e sensibilidade, já que os temas abordados podem despertar memórias e experiências difíceis. Busque construir um ambiente acolhedor, respeitoso e sem julgamentos, em que cada pessoa possa participar no seu próprio tempo. Mais do que seguir atividades de forma rígida, a proposta é que este guia funcione como uma ferramenta viva, aberta à criação coletiva, às trocas e às adaptações de cada grupo e território.

Metodologia *por trás da cartilha*

Ao longo do projeto, foi desenvolvida a Metodologia da Caixa, uma prática de formação crítica e coletiva criada junto às Jovens Artistas para fortalecer pontes entre as opressões vividas no cotidiano e as possibilidades de transformação por meio do ativismo. A caixa funciona como metáfora e ferramenta pedagógica, estimulando escuta, pensamento crítico e a criação de narrativas que rompem com estereótipos e rótulos sociais.

A caixa representa os limites impostos pelo senso comum, pelos discursos hegemônicos e pelas estruturas sociais. Ao final de cada encontro, eram colocados dentro da caixa pensamentos, experiências e incômodos ligados a opressões de gênero, raça, sexualidade, classe e território: tudo aquilo que atravessa os corpos e provoca indignação.

Fora da caixa, buscamos construir pensamentos criativos, libertadores e contra-hegemônicos, capazes de inspirar cuidado, justiça, ação coletiva e transformação social. Trabalhar com a metáfora da caixa permite tensionar o que é considerado “normal” ou “natural” como algo limitador e construir, com os grupos atendidos, outras formas de pensar o mundo, a partir de suas realidades, dores, potências e lutas.

A metodologia está organizada em blocos temáticos que articulam conceitos estruturantes a partir da escuta, da experiência, da sensibilidade e da criação artística. Em cada encontro, diferentes linguagens artísticas são utilizadas como ferramentas de sensibilização, expressão e cons-

trução coletiva. Por isso, o guia também traz referências e sugestões artísticas que podem ampliar as discussões e ser adaptadas a diferentes grupos e contextos.

A proposta dialoga com princípios da educação popular, da arte-educação e das metodologias ativas de aprendizagem, reconhecendo cada participante como sujeito ativo na construção de saberes. Ao longo do percurso, todas são incentivadas a contribuir com suas próprias experiências, interesses e linguagens.

É importante destacar que os exercícios, dinâmicas e propostas aqui apresentados não pretendem contemplar a totalidade das interseccionalidades, vivências e possibilidades de abordagem dos temas trabalhados. Trata-se de sugestões construídas, testadas e desenvolvidas coletivamente pelas jovens artistas em parceria com a equipe da Redes da Maré, a partir de suas experiências e contextos específicos. Ainda assim, acreditamos que essas práticas podem servir como ferramentas inspiradoras e potentes para apoiar outros grupos, territórios e iniciativas comprometidas com processos de reflexão crítica, criação coletiva e transformação social.

Ao final de cada eixo temático, são sugeridas ações artísticas de “desencaixe”, que partem da reflexão sobre os temas acumulados dentro da caixa para criar intervenções capazes de provocar diálogos, tensionar hegemonias, visibilizar violências silenciadas e imaginar novas formas de existir, resistir e transformar.



ARTIVISMOS possíveis

Raça



Gênero



Território



Raça

O Brasil é um país profundamente marcado pela escravização de povos indígenas e negros, cujos impactos seguem presentes nas estruturas sociais até hoje. Mesmo após a abolição formal da escravidão, tanto os processos escravagistas quanto as desigualdades raciais não desapareceram, mas foram reorganizadas, dando origem ao que hoje entendemos como racismo estrutural.

O racismo estrutural vai além de atitudes individuais ou manifestações explícitas de preconceito. Ele opera nas instituições, nas políticas públicas e nas práticas sociais, produzindo desigualdades persistentes no acesso à educação, à saúde, ao trabalho, à moradia e à justiça, afetando diretamente a população negra. Muitas vezes, esse racismo aparece de forma disfarçada em discursos de meritocracia, neutralidade e igualdade formal de direitos, que acabam ocultando desigualdades históricas e estruturais.

Nesse contexto, compreender a identidade racial é fundamental. Ela é construída a partir de experiências, memórias, pertencimentos e processos coletivos atravessados pelo corpo, pelo território e pela história. Reconhecer essa dimensão também significa valorizar trajetórias negras marcadas por resistência, produção cultural e luta por direitos.

A noção de interseccionalidade, amplamente difundida por feministas negras, amplia esse entendimento ao mostrar que desigualdades relacionadas à raça, gênero, classe e território se cruzam, produzindo diferentes experiências de opressão, e de resistência.

Assim, o posicionamento antirracista não se resume à rejeição de atitudes discriminatórias, mas envolve reconhecer como o racismo estrutura relações sociais e institucionais. Promover práticas antirracistas exige reflexão crítica, responsabilidade coletiva e compromisso contínuo com a transformação social.



Atividade 01

Temática
Raça e identidade

Objetivo
Refletir sobre como a arte pode expressar quem somos e nossas vivências raciais como jovens, principalmente pessoas que se identificam como mulheres.

Faixa etária
A partir de 14 anos

Duração da atividade
1 hora e 30 minutos

Fique ligado!
É importante facilitar um ambiente acolhedor e respeitoso, onde cada participante se sinta à vontade para se expressar e compartilhar suas vivências sem julgamentos; estimule o diálogo e o respeito entre diferentes vivências raciais.

Materiais necessários

cartolina ou papel kraft; tintas; lápis de cor e canetinhas; revistas para recorte; tesoura e cola; espelhos (opcional).

Atividade sugerida

Acolhimento e sensibilização

Receber os jovens de forma acolhedora e organizar uma roda de conversa inicial. Iniciar um diálogo simples e acessível a partir de perguntas como:

- ☀ O que é identidade para você?
- ☀ Você acha importante se ver representado(a) na arte, na mídia ou na sociedade?
- ☀ Você já se sentiu representado(a) ou não representado(a) em algum espaço?

A partir das respostas, estimular reflexões coletivas sobre os contextos sociais que atravessam a construção da identidade, especialmente para grupos marcados por desigualdades sociais, raciais, territoriais e culturais.

Apresentar a obra “Oxum em Êxtase”, de Abdias Nascimento, e propor perguntas para sensibilização e interpretação da imagem:

- ☀ O que vocês enxergam nessa obra?
- ☀ Existe algo nela com que vocês se identificam?
- ☀ Há semelhanças entre a pintura e suas próprias vivências ou características?
- ☀ Que sentimentos ou mensagens essa imagem transmite?

Explicar que **raça**, **cultura** e **identidade** fazem parte de quem somos e que a arte pode ser uma ferramenta para contar histórias, expressar sentimentos e compartilhar vivências. Reforçar que não existem respostas certas ou erradas e que todas as pessoas devem se sentir respeitadas.

Referências artísticas

Apresentar exemplos de artistas diversos, especialmente ligados ao território dos participantes (abaixo exemplos utilizados no território das Favelas da Maré):

Affonso Dalua
(@affonsodalua)

Artista não binário que expressa, por meio de suas obras, identidades dissidentes e a diversidade cultural da Maré.

Musa
(@musa._art)

Artista Visual • Estudante de design

Nayane Silva
(@_artemtudo)

Fotógrafa e arte-educadora que, através de seus trabalhos, exalta as vivências das favelas.

Produção artística individual

Cada participante irá criar um retrato simbólico, que não precisa necessariamente representar um rosto real, mas sim uma representação artística de sua identidade racial, ancestralidade, origens e vivências. Os(as) facilitadores poderão também oferecer pequenos espelhos de bolso, sugerindo que cada pessoa possa olhar sua imagem individualmente para pensar na tarefa.

Podem ser utilizados diferentes elementos e linguagens artísticas, como:

desenhos; pinturas; colagens com revistas; palavras; frases; símbolos.

Durante a atividade, circular pelo espaço oferecendo apoio, incentivo e reforçando que cada produção artística é única e importante.

Construção do painel coletivo

Após finalizarem os trabalhos, todos constroem juntos um painel coletivo com o tema: “Nossas vozes não se apagam”, ou outro título escolhido pelo grupo em seu contexto.

Explicar que o painel representa a união das histórias, a diversidade de identidades, a força coletiva e o direito de existir, falar e ser visto.

Cada participante cola o seu retrato no painel, contribuindo para a construção coletiva da atividade.

ENCERRAMENTO

Roda de conversa

Formar novamente uma roda e convidar, de forma voluntária, quem desejar, a compartilhar sua experiência e falar sobre sua obra:

- ☀ O que você quis representar?
- ☀ Como se sentiu durante a atividade?
- ☀ O que aprendeu sobre si ou sobre o outro?

Encerrar reforçando que a arte é uma ferramenta de voz, memória e resistência, e que todas as identidades merecem respeito, reconhecimento e valorização.

Outras referências artísticas

Quilombellas Amefricanas, Poesias feministas Negras	↗
Parede da Memória, Rosana Paulino	↗
Oxum em Êxtase, Abdias Nascimento	↗

Atividade 02

Temática

Estruturas do Racismo

Objetivo

Introduzir o conceito de racismo estrutural e fomentar reflexões críticas sobre suas manifestações no cotidiano. Refletir sobre as estruturas sociais que influenciam a forma como enxergamos, tratamos e representamos as pessoas. Utilizar a arte e o movimento como ferramentas de expressão, sensibilização e questionamento social.

Faixa etária

a partir de 12 anos

Duração da atividade

2 horas

Fique ligado!

Levar a horizontalidade e a escuta ativa como pilares centrais da atividade. Estar preparado para acolher sentimentos que possam surgir durante a atividade, como vergonha, desconforto, tristeza ou raiva. Incentivar a participação e a fala de todos, sempre respeitando o tempo, os limites e o espaço de cada participante.

Materiais necessários

Peças de LEGO, copos, papéis ou cartas (para representar estruturas e desigualdades sociais); Obra Cadeiraço, de Andrea Hygino; Vídeo/poesia da MC Martina

Atividade sugerida

PRIMEIRA ETAPA

Sensibilização e reflexão inicial

Apresente a obra “Estudo para um cadeiraço”, da artista Andrea Hygino, e convide os participantes a observarem atentamente a imagem. A partir da observação, inicie uma conversa conduzida por perguntas que estimulem interpretações e reflexões coletivas. A pessoa educadora pode conduzir o diálogo gradualmente, trazendo pistas e aprofundando as discussões até chegar à reflexão sobre desigualdade, estruturas sociais e privilégios.

Referências artísticas

- ☀ O que você sentiu ao ver a obra?
- ☀ O que essa imagem faz você pensar?
- ☀ Por que existem menos cadeiras no topo?
- ☀ Por que há mais cadeiras na base e nas margens periféricas da obra?
- ☀ Você acha que quem está no topo enxerga a mesma realidade de quem está embaixo?
- ☀ Quem ocupa hoje os lugares “mais altos” da sociedade?
- ☀ Você sente que todas as pessoas ocupam o mesmo lugar na sociedade?

Ao longo da conversa, conduzir a reflexão até a pergunta central:

“O que isso nos diz sobre privilégio?”

SEGUNDA ETAPA

Introdução ao racismo estrutural

Após o primeiro momento de diálogo, apresentar o conceito de racismo estrutural, explicando que ele não se resume a atitudes individuais, mas está presente nas estruturas sociais, políticas, econômicas e culturais que organizam a sociedade.

Como sensibilização, a sugestão é apresentar o vídeo/poesia “Poeta: MC Martina”, utilizando o conteúdo para provocar novas reflexões sobre desigualdade, exclusão e violência racial.

Perguntas para reflexão

- ☀ Você se identifica com o que foi trazido na poesia?
- ☀ Essa realidade atinge todas as pessoas da mesma forma?
- ☀ Quais desigualdades aparecem no cotidiano?
- ☀ Como o racismo impacta oportunidades, acesso e pertencimento?

TERCEIRA ETAPA

Dinâmica das estruturas e desigualdades

Para introduzir a atividade prática, utilizar blocos de montar (tipo LEGO), cartas, papéis ou outros materiais semelhantes, trabalhando a ideia de que as desigualdades se acumulam ao longo do tempo e são produzidas pelas estruturas sociais.

Fazendo na prática:

Dividir os participantes em dois grupos.

Grupo A: começa a atividade com mais recursos, mais peças e regras facilitadas;

Grupo B: inicia com menos recursos, menos peças e mais limitações.

A proposta é que cada grupo utilize os materiais para “construir uma vida” ou uma estrutura social.

Ao final da dinâmica, comparar os resultados entre os grupos

Reflexão guiada

Conduzir uma conversa coletiva a partir de perguntas como:

- ☀ O processo pareceu justo?
- ☀ O esforço individual resolveu todas as diferenças?
- ☀ Quem teve mais facilidade?
- ☀ Onde entram as estruturas sociais nessa atividade?

QUARTA ETAPA

Construção coletiva do quebra-cabeça

Em formato de roda de conversa, aprofundar o conceito de racismo estrutural:

“O racismo estrutural não está apenas nas atitudes individuais, mas nas estruturas da sociedade, como o sistema educacional, a mídia, o sistema de justiça, o mercado de trabalho e outras instituições, que historicamente mantêm desigualdades raciais.”

Em seguida, propor que o grupo monte coletivamente um pequeno quebra-cabeça ou estrutura simbólica.

Sugestão de construção simbólica

Peças da base: representar aspectos históricos e estruturais, como escravização, apagamento cultural e exclusão da cultura negra;

Peças do meio: representar instituições e espaços que reproduzem desigualdades no cotidiano, como escola, mídia, sistema de justiça e mercado de trabalho;

Peças superiores: representar consequências do racismo estrutural, como violência racial, desigualdade de renda, adoecimento físico e mental e racismo ambiental.

ENCERRAMENTO

Desconstruindo as estruturas

Finalizar evidenciando que o racismo estrutural é resultado de uma estrutura histórica e social construída ao longo do tempo e que, portanto, também pode ser transformada coletivamente.

Convidar cada participante a retirar uma peça da base da estrutura, apresentando ao mesmo tempo uma possível solução, ação coletiva ou transformação social.

À medida que novas soluções forem surgindo, as peças intermediárias e superiores também poderão ser retiradas ou reorganizadas, simbolizando que o conhecimento coletivo, a conscientização e a ação conjunta podem transformar estruturas de desigualdade.

Encerrar agradecendo a participação de todos e reforçando a importância do diálogo, da escuta e da construção coletiva de mudanças sociais.

Para lembrar!

Ao longo da atividade é recomendável colocar música ambiente nesse tema para deixar o ambiente descontraído e acolhedor.

Sugestões das Jovens Artistas: Principia (Emicida), Povo Brasileiro (Natiruts), Identidade (Jorge Aragão), Bluesman (Baco Exu do Blues), Triste, Louca ou Má (Francisco, el Hombre).

Referências artísticas

Cadeiraço - Andrea Hygino ↗

Com quantas revoluções se faz um sonho de existir? 2022. - G!SLANE ↗

MC Martina - SLAM ↗

Atividade 03

Temática
Aprendendo sobre Interseccionalidades: consciência de si e do outro e fomento à empatia

Objetivo
Promover a reflexão sobre os pontos de encontro, diferenças e singularidades presentes nas trajetórias de cada participante, estimulando a consciência de si e do outro, o fortalecimento da empatia e a compreensão da importância da coletividade diante das diferentes realidades sociais e experiências de vida.

Faixa etária
A partir de 14 anos

Duração da atividade
2 horas

Fique ligado!
Estabeleça acordos coletivos de respeito, evitando interrupções, invalidações, comparações ou constrangimentos. Mantenha uma linguagem inclusiva e conduza a atividade com escuta, acolhimento e construção horizontal.

Materiais necessários
folhas de papel; materiais para colorir e escrever; fita adesiva; post-its. Caso não haja post-its coloridos disponíveis, eles podem ser substituídos por adesivos coloridos ou outras alternativas criativas.

Atividade sugerida

Sensibilização e escuta

Crie um ambiente acolhedor e silencioso. Convide os participantes a fecharem os olhos e imaginarem o trajeto que fazem diariamente até suas casas. Oriente que pensem nos caminhos, nos espaços por onde passam e, principalmente, nos sentimentos que acompanham esse percurso.

Após alguns minutos, abra espaço para escuta coletiva e incentive cada pessoa a compartilhar o que identificou durante o exercício. Observe se surgem relatos relacionados a medo, insegurança, vigilância ou outras sensações atravessadas por diferentes formas de violência estrutural.

Caso essas experiências não apareçam espontaneamente, a pessoa educadora pode provocar reflexões com perguntas simples e subjetivas, como:

- ☀ Você se sente inseguro(a) ao voltar para casa sozinho(a)? Por quê?
- ☀ Existe algum espaço da cidade que faz você sentir medo?
- ☀ Você sente que determinadas pessoas enfrentam mais inseguranças do que outras?
- ☀ Você sente medo por algum motivo específico? De quê?

Pensando coletivamente: Corpo, experiências e violências estruturais

Organizem-se em roda, garantindo que todos consigam se enxergar.

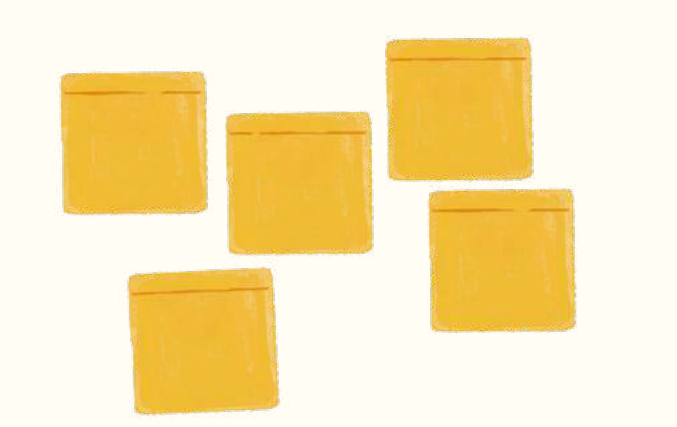
Utilize papéis coloridos ou post-its de diferentes cores (pelo menos três cores distintas). Antes de iniciar a dinâmica, o facilitador deve dar um exemplo pessoal ou simbólico, escolhendo uma cor e colando o papel em alguma parte do corpo enquanto explica o contexto de violência estrutural relacionado àquela cor.

Explique à turma que cada cor de post-it representa um tipo de violência estrutural ou marcador social. Alguns exemplos, dependendo do contexto do grupo: **gênero; raça/etnia; violência armada; território; classe social; LGBTQIA+fobia; capacitismo**

As categorias podem ser adaptadas conforme a realidade do grupo.

Convide os participantes a refletirem sobre suas experiências cotidianas e identificarem de que forma suas vidas são atravessadas por diferentes desigualdades. À medida que forem reconhecendo experiências em comum, incentive que coletem post-its uns nos outros, simbolizando conexões coletivas e vivências compartilhadas.

Exemplo: Um bloco de post-its amarelos pode representar violências de gênero, permitindo que meninas e mulheres identifiquem situações de opressão vividas em contextos marcados pelo patriarcado.



Momento de reflexão coletiva

Ainda em roda, agora com os post-its colados nos corpos, conduza um momento de observação e reflexão coletiva.

Uma sugestão das Jovens Artistas é apresentar trechos do texto *Ain't I a Woman?* (Não sou uma mulher?), de Sojourner Truth, selecionando as partes que considerar mais potentes para o grupo.

A partir da leitura, provoque reflexões sobre:

- ☀ privilégios;
- ☀ desigualdades;
- ☀ mobilização coletiva;
- ☀ consciência social;
- ☀ empatia;
- ☀ reconhecimento das diferenças.

Pergunta disparadora:

“Será que cada um de nós neste grupo, viveríamos os mesmos atravessamentos e violências vividos pela autora do texto?”

Reforce a importância da mobilização coletiva, da consciência crítica e do reconhecimento das diferentes formas de privilégio e opressão.

Atividade em grupos: Analisando diferentes realidades

Distribua folhas contendo situações fictícias do cotidiano envolvendo pessoas com diferentes contextos sociais e marcadores sociais. Oriente os grupos a lerem os casos e anotarem suas impressões sobre os conflitos, dificuldades e desigualdades presentes em cada situação.

Situação – Grupo 1

“Alice é uma jovem branca de 19 anos, de classe média, que passou em uma universidade pública. No seu primeiro dia de aula, conseguiu chegar cedo, com suas coisas organizadas e sem grandes dificuldades de transporte ou mobilidade, contando com apoio e orientação familiar. Porém, a caminho do bandeirão, sofreu uma situação de assédio por parte de um aluno mais velho da faculdade.”

Situação – Grupo 2

“ Carol é uma jovem negra de 19 anos, moradora de uma favela distante do centro da cidade. Ela passou na universidade pública no curso que sempre desejou. Apesar de acordar cedo e se organizar com antecedência, chegou atrasada por conta do transporte público. A universidade ficava em um bairro elitizado e distante, onde ela nunca havia estado. Além das baldeações, precisou pegar mais ônibus do que imaginava. Nenhum colega ou professor demonstrou sensibilidade; pelo contrário, percebeu olhares, comentários e risadas. Na hora do almoço, ao chegar ao bandeirão, enfrentou uma longa fila e percebeu que não teria dinheiro suficiente para comer e voltar para casa. Preferiu não almoçar.”

Discussão coletiva

Após a leitura e debate em grupo, peça que compartilhem suas percepções e provoque as seguintes reflexões:

- Em que essas realidades se diferem e em que se aproximam?
- Mesmo tendo a mesma idade e estudando na mesma universidade, o que faz com que as experiências dessas jovens sejam diferentes?
- Quais marcadores sociais atravessam essas experiências?
- Como raça, território, gênero e classe social impactam oportunidades e violências vividas?

A partir dessas reflexões, introduza a discussão sobre:

- privilégios sociais;
- desigualdades estruturais;
- violências interseccionais.

Explique que, embora mulheres estejam mais expostas a situações de assédio e violência de gênero, existem atravessamentos que agravam essas experiências, como:

- raça;
- classe social;
- território;
- acesso à mobilidade;
- condições econômicas.

ENCERRAMENTO

Empatia, consciência e transformação

Finalize promovendo uma conversa coletiva sobre a importância da empatia, da escuta sensível e da construção de um olhar crítico sobre a sociedade.

Encerre reforçando que o reconhecimento de privilégios, a consciência étnico-racial e social e a construção coletiva de conhecimento são ferramentas fundamentais para mobilização, transformação social e enfrentamento das desigualdades.

Referências artísticas

- “Ain’t I a Woman?” - Sojourner Truth ↗
- “A mulher negra no mercado de trabalho” - Beatriz Nascimento ↗
- “Vozes-Mulheres” - Conceição Evaristo ↗

Atividade 04

Temática

Memória Preta Ativa: Trajetórias de Resistência.

Objetivo

Conscientização sobre a luta ativa antirracista.

Faixa etária

A partir de 13 anos

Duração da atividade

2 horas

Fique ligado!

Estabeleça acordos coletivos de respeito, evitando interrupções, invalidações e comparações. Mantenha uma linguagem inclusiva e uma troca horizontal e acolhedora.

Materiais necessários

A impressão dos elementos pontuais da linha do tempo (fornecido abaixo, porém pode ser adaptado de acordo com diferentes contextos).

Atividade sugerida

Sensibilização e introdução aos símbolos Adinkra

Inicie a atividade apresentando imagens impressas ou em slides de símbolos *Adinkra* presentes no nosso cotidiano, como em portões, tecidos, pinturas, objetos e elementos arquitetônicos que apresentem estes símbolos.

A partir dessas imagens, provoque uma reflexão inicial com perguntas como:

- Vocês já viram algum desses símbolos antes?
- Já haviam reparado neles no cotidiano?
- O que vocês imaginam que esses símbolos significam?

Após esse primeiro momento, apresente novos materiais, em slides, cartazes ou folhas impressas, contendo os significados de alguns símbolos Adinkra.

O que são os símbolos Adinkra?

Os símbolos Adinkra têm origem principalmente em Gana e na Costa do Marfim, no continente africano. Surgidos há séculos, eram utilizados em tecidos, cerimônias e objetos importantes para transmitir valores, ensinamentos e filosofias da cultura africana.

Cada símbolo possui um significado próprio, relacionado a conceitos como:

- sabedoria;
- resistência;
- união;
- liberdade;
- ancestralidade;
- espiritualidade;
- força coletiva.

Mais do que elementos decorativos, os Adinkra funcionam como formas de comunicação e preservação da memória cultural africana.

Atualmente, esses símbolos também são utilizados em contextos educativos e de valorização da identidade negra, contribuindo para o enfrentamento do racismo e para o reconhecimento da riqueza filosófica, histórica e cultural dos povos africanos.

Filosofia Sankofa e ancestralidade

A partir desse contexto, explique a importância do fortalecimento de referências culturais afrocentradas e do reconhecimento das tecnologias produzidas historicamente por pessoas negras para resistir ao epistemicídio: o apagamento sistemático de seus conhecimentos, culturas e histórias.

Explique também a filosofia ancestral Sankofa, aprofundando-se nela como exemplo central para compreender os significados e a importância dessas simbologias.



Traga exemplos como: oralidade; memória coletiva; resistência comunitária; organização popular; ancestralidade; filosofia Sankofa.

A filosofia Sankofa é um ensinamento ancestral africano, originário do povo Akan, em Gana, que representa a importância de olhar para o passado para compreender o presente e construir o futuro. Seu símbolo mais conhecido é um pássaro que olha para trás enquanto segue em frente, simbolizando a ideia de recuperar saberes, memórias e experiências ancestrais para fortalecer a caminhada coletiva e individual.

A partir dessa provocação, convide o grupo à reflexão:

“Vamos olhar para o passado para construir novos futuros?”

Construção coletiva da linha do tempo

Disponibilize pedaços de uma grande linha do tempo contendo nomes, imagens, acontecimentos históricos, movimentos sociais e referências negras importantes. Deixe os materiais espalhados e permita que os participantes organizem a linha do tempo coletivamente, da forma que considerarem mais adequada.

Após a construção, conduza uma conversa com perguntas como:

- ☀ O que vocês acham que todas essas pessoas e acontecimentos têm em comum?
- ☀ Contra quais violências e desigualdades vocês acreditam que essas pessoas lutavam?
- ☀ Que mudanças essas trajetórias ajudaram a construir?

A partir das respostas, explique que essas figuras e movimentos compartilham a luta antirracista, a busca por equidade de direitos e o enfrentamento histórico das violências raciais.

Roda de conversa: Referências e vivências

Ainda em roda, convide os participantes a compartilharem referências pessoais, histórias de seus territórios e experiências relacionadas à pauta antirracista.

Utilize perguntas orientadoras como:

- ☀ Você sabe o que é racismo?
- ☀ O que significa ser uma pessoa antirracista?
- ☀ Você já presenciou ou sofreu alguma situação de racismo? Como se sentiu?
- ☀ Qual a importância de falar sobre racismo na escola, no trabalho ou em casa?
- ☀ Você conhece pessoas importantes na luta antirracista no Brasil ou no seu território?
- ☀ Que atitudes do cotidiano podem contribuir para o combate ao racismo?

Referências artísticas e intelectuais

Apresente ao grupo outras referências artísticas, intelectuais e culturais relacionadas à pauta étnico-racial, priorizando pessoas negras que vivenciam e produzem conhecimento a partir dessas experiências.

Essas referências podem incluir: artistas; escritores; lideranças comunitárias; pensadores; movimentos sociais; referências locais e históricas.

As indicações podem e devem ser adaptadas à realidade de cada território e grupo.

ENCERRAMENTO

Finalize reforçando a importância de construir referências próprias, fortalecer a memória coletiva e acessar conhecimentos históricos a partir de perspectivas étnico-culturais que valorizem as vivências e produções negras. Reconhecer ancestralidades, histórias e saberes é também uma forma de resistência, pertencimento e construção de futuros mais justos e plurais.

Observação

A proposta desta oficina parte de uma abordagem construtivista. Todos são convidados a um processo de construção compartilhada de sentido, memória e valorização da ancestralidade negra sem necessidade de um conhecimento prévio.

Referências artísticas

Livro: Entre o Banzo e a Bala – MC Martina ↗

OWERÁ - “Xondaro Ka’aguy Reguá” ↗

livro Adinkra – Sabedoria em símbolos africanos ↗

Série atualização traumáticas de Debret: Gê Vianna ↗

Gênero

As relações de gênero atravessam a forma como as pessoas vivem, se expressam e se relacionam na sociedade. Mais do que aspectos biológicos, gênero é uma construção social e histórica que influencia expectativas, comportamentos e oportunidades de maneira desigual.

Em sociedades marcadas pelo patriarcado, normas rígidas definem como homens, mulheres e pessoas dissidentes devem agir e ocupar espaços. Essas regras limitam liberdades e produzem desigualdades, afetando especialmente mulheres e pessoas LGBTQIAPN+.

As violências baseadas em gênero são resultado dessas desigualdades e podem acontecer de diferentes formas: físicas, psicológicas, simbólicas e institucionais. Seus impactos são ainda mais intensos quando atravessados por outros marcadores sociais, como raça, classe e território.

Refletir sobre gênero é importante para questionar estereótipos, ampliar possibilidades de existência e fortalecer práticas de cuidado, respeito e equidade. Através da arte e da educação, jovens podem compartilhar experiências, elaborar vivências e imaginar formas de existir mais livres, diversas e justas.



Atividade 01

Temática
Entendendo gênero

Objetivo
Compreender o gênero como uma construção social e refletir sobre como estruturas sociais patriarcais reforçam desigualdades e expectativas sociais.

Faixa etária
Jovens a partir de 13 anos

Duração da atividade
2 horas

Fique ligado!
Estimule o respeito às diferentes opiniões, verificando previamente se o grupo já possui conhecimentos sobre conceitos de gênero antes do início da atividade.

Materiais necessários

Caixa; papéis ou post-its; canetas; aparelho de som ou computador com acesso à música; celular com acesso à internet; ferramenta de IA (recomendação: plataforma Gemini).

Atividade sugerida

ATIVIDADE 1

Estereótipos de Gênero

Para começar, faça uma pergunta orientadora que introduza um pequeno “jogo” de reflexão:

O que a sociedade espera de meninos e meninas?

Os participantes deverão ler frases relacionadas a comportamentos, responsabilidades e características tradicionalmente associadas a homens e mulheres em nossa sociedade. Em seguida, devem identificar com qual gênero está associado com cada frase.

Exemplos de frases para orientar o jogo

- ☀ Cuidam da casa / São mais fortes / São sensíveis
- ☀ Brincam de carrinho / Brincam de boneca
- ☀ Devem sustentar a família / Devem ser delicadas
- ☀ Não demonstram medo / Sabem cozinhar
- ☀ Gostam de futebol / Gostam de maquiagem
- ☀ Não usam rosa / Precisam se preocupar com a aparência
- ☀ São responsáveis pelo cuidado dos irmãos
- ☀ Não podem demonstrar fraqueza
- ☀ Precisam casar e ter filhos / Devem liderar
- ☀ Podem sair sozinhos à noite
- ☀ Precisam pedir permissão
- ☀ Não ajudam nas tarefas domésticas

Dinâmica

Cada participante escreve em pequenos papéis se acredita que a frase é mais associada socialmente a cada gênero. Os papéis devem ser colocados em caixas identificadas como:



Após depositarem as frases nas respectivas caixas, o grupo realiza uma leitura coletiva das respostas e inicia uma roda de conversa a partir das seguintes perguntas:

- ☀ O que dessas afirmações parece real pra você?
- ☀ O que é apenas uma imposição social?
- ☀ O que é biológico e o que é aprendido?
- ☀ Como essas expectativas afetam nossas vidas?
- ☀ Elas criam desigualdades entre homens e mulheres? Quais?
- ☀ O que podemos fazer para transformar esses estereótipos?
- ☀ Como meninos e meninas podem viver de forma mais livre?

ATIVIDADE 2

Criando um mundo mais justo

Cada participante irá criar uma imagem ou produção artística a partir de uma ideia, refletindo sobre um mundo mais justo para meninos e meninas, considerando também as opressões que vivenciam no dia a dia e que gostariam de romper.

A atividade pode ser realizada de diferentes formas, de acordo com as possibilidades do espaço: Uso de IA (se houver acesso), Colagem e Desenho, Escrita (frases, palavras ou pequenos textos), Outras formas de expressão artística.

Compartilhamento e reflexão

- ☀ Que opressões você quis romper com essa criação?
- ☀ O que esse mundo tem de diferente do nosso?
- ☀ Como seria um mundo mais justo para meninos e meninas?
- ☀ O que você considera importante mudar hoje?

Essa atividade também funciona como uma forma de escuta do grupo, ajudando a compreender suas percepções, vivências e o que consideram importante transformar.

ENCERRAMENTO

Retomar os principais pontos trazidos pelo grupo e propor uma reflexão final:

Como podemos, no dia a dia, começar a construir esse mundo que imaginamos?

Que atitudes podemos ter para fomentar mais respeito e igualdade?

Observação

As atividades podem gerar outros temas sobre machismo e liberdade de expressão de gênero. Podem ser adaptadas para discutir o impacto nas escolas e nos ambientes familiares.

Referências artísticas

Livro: O feminismo é para todo mundo — bell hooks	↗
Todxs Putxs — EKENA	↗
Minha Vida de Maria	↗
Livro: Coisa de Menina — Pri Ferrari	↗
Livro: Coisa de Menino — Pri Ferrari	↗

Atividade 02

Temática
Justiça reprodutiva

Objetivo
Compreender o conceito de justiça reprodutiva e sua relação com os direitos humanos, a autonomia corporal e o acesso à saúde. Analisar como fatores sociais, econômicos, raciais, territoriais e de gênero influenciam o exercício dos direitos reprodutivos.

Faixa etária
Jovens a partir de 13 anos

Duração da atividade
2 horas

Fique ligado!
Evite linguagem técnica ou termos que possam constranger os jovens, adapte as frases das atividades se necessário.
Respeite que alguns participantes podem ter histórico de violência, gravidez na adolescência ou temas sensíveis.
Não force ninguém a compartilhar experiências pessoais. Garanta um ambiente de confiança e privacidade, sem julgamentos.
Reforce que justiça reprodutiva fala sobre direitos e escolhas, não sobre obrigar comportamentos.

Materiais necessários

Atividade 1
Plaquinhas escritas com: “CONCORDO”, “DISCORDO” e “EM DÚVIDA” (opcional).
cartolina ou papel colorido; canetas; fita adesiva ou palitos para segurar as plaquinhas.

Atividade 2
Cartolina e canetas coloridas

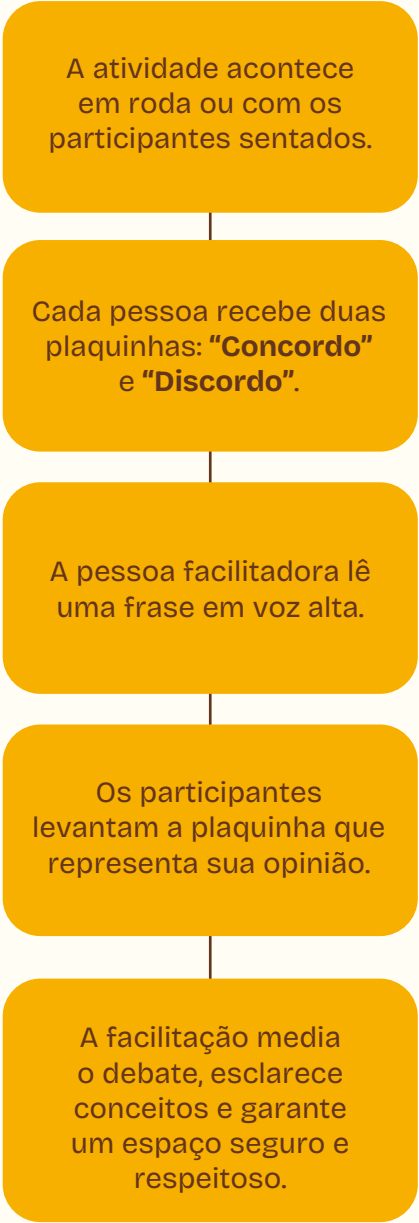
Atividade sugerida

ATIVIDADE 1

Jogo “Concordo ou Discordo?”

Objetivo: Estimular o debate sobre direitos sexuais e reprodutivos, promovendo reflexão crítica e participação coletiva.

Como funciona Sugestão de frases para sessão



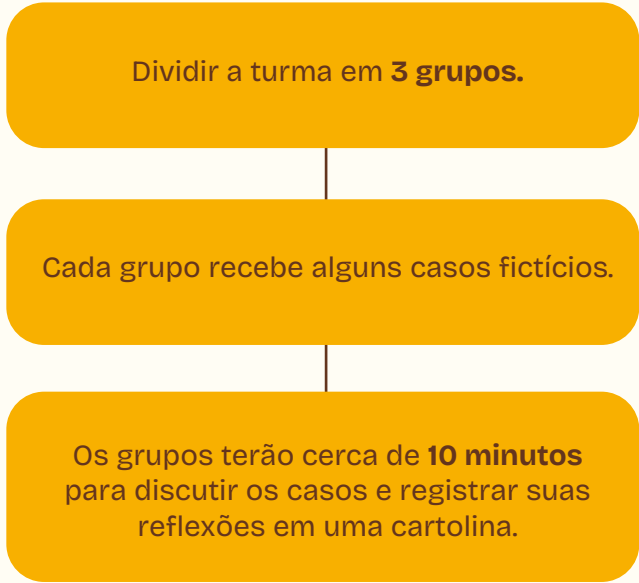
- ☀ Toda pessoa tem direito de decidir sobre o próprio corpo.
- ☀ Direitos sexuais e reprodutivos são direitos humanos.
- ☀ Falar sobre sexualidade incentiva comportamentos de risco.
- ☀ O acesso à informação sobre métodos contraceptivos deve ser garantido pelo Estado.
- ☀ Meninas e meninos devem ter a mesma liberdade para falar sobre sexualidade.
- ☀ A gravidez na adolescência é apenas uma responsabilidade individual.
- ☀ O acesso ao pré-natal é um direito, não um privilégio.

ATIVIDADE 2

Caminhos da Escolha

Objetivo: Refletir sobre desigualdades no acesso aos direitos sexuais e reprodutivos e pensar coletivamente caminhos de justiça reprodutiva.

Como funciona



Perguntas para orientar a discussão

- ☀ Qual direito dessa pessoa está sendo violado ou negado?
- ☀ O que garantiria justiça reprodutiva nesse caso?

Casos para discussão

- 1 Luana, 15 anos, não consegue acesso a métodos contraceptivos na unidade de saúde do bairro.
- 2 Jenyfer quer fazer um exame ginecológico, mas o posto nunca tem médico disponível.
- 3 João, 17 anos, sofre preconceito ao pedir informações sobre prevenção de ISTs.
- 4 Marina deseja adiar a gravidez, mas seu parceiro insiste para ela não usar métodos contraceptivos.
- 5 Yasmim vive em uma área sem UBS próxima e precisa pegar três conduções para conseguir atendimento básico.
- 6 Bruna quer colocar DIU, mas a unidade informa que o serviço só está disponível para mulheres acima de 25 anos.
- 7 Kelly engravidou e não recebeu orientação sobre pré-natal ou direitos garantidos pelo SUS.
- 8 Sara, 16 anos, sofre violência sexual e não sabe que tem direito a atendimento imediato e gratuito pelo SUS.
- 9 Letícia tenta acessar educação sexual na escola, mas o tema é constantemente evitado.
- 10 Camila precisa de acompanhamento psicológico após violência, mas não encontra vaga na rede pública.

Apresentação

Cada grupo apresenta suas reflexões em 5 a 10 minutos.

Perguntas coetivas para reflexão final

- ☀ Quem tem mais dificuldade de acessar seus direitos? Por quê?
- ☀ O que deveria ser garantido pelo Estado?
- ☀ O que podemos fazer coletivamente para ampliar o acesso à informação e aos direitos?

ENCERRAMENTO

Reforçar que direitos sexuais e reprodutivos fazem parte dos direitos humanos e que acesso à informação, saúde e autonomia corporal devem ser garantidos para todas as pessoas.

Referências artísticas

MÁRCIA FALCÃO, O êxtase, da série retratos para dar rosto, 2022	↗
Rosana Paulino	↗
Luedji Luna - Um Corpo no Mundo	↗
Ani Ganzala	↗

Atividade 03

Temática
Masculinidades

Objetivo
Refletir como as masculinidades são construídas socialmente, como o sistema patriarcal impacta a vida dos homens e das mulheres, e como podemos construir formas mais saudáveis, afetivas e responsáveis de viver as masculinidades

Faixa etária
Jovens a partir de 13 anos

Duração da atividade
2 horas

Fique ligado!

- ☀ Crie um espaço seguro: antes de começar, deixe claro que ninguém é obrigado a compartilhar sua máscara e que não existe certo ou errado.
- ☀ Explique que a “máscara” não é uma acusação. Você pode dizer que ela é uma forma de defesa que aprendemos para sobreviver.
- ☀ Evite reforçar estereótipos: cuide para que a roda não se transforme em um debate sobre certo e errado.
- ☀ Respeite o tempo de cada pessoa: se alguém não quiser escrever ou compartilhar, está tudo bem. O processo acontece no tempo de cada um.

Materiais necessários

Folhas de papel coloridas ou brancas e canetas coloridas.

Atividade sugerida

Leitura coletiva do poema *Mar Adentro*

Elisa Lucinda

*É preciso chorar.
As lágrimas são a chuva da gente,
nuvens do nosso tempo íntimo precisam desabar.
É preciso chorar,
lágrimas são os rios do ser,
as cachoeiras da gente,
mudam o nosso tempo simples,
atualizam o nosso mar.
É preciso chorar,
é preciso a natureza copiar,
é preciso aliviar e molhar a seca do coração.
Se não chover vira sertão,
morre homem,
morre gado,
morre plantação.*

Perguntas orientadoras sobre o poema

- ☀ Que emoções o poema desperta em você?
- ☀ Em quais momentos da vida você evitou ir “mar adentro”?
- ☀ Se esse poema tivesse um rosto, como ele seria?
- ☀ Como meninos e meninas costumam lidar com os sentimentos?
- ☀ Vocês acham que o modo como os meninos geralmente são ensinados a lidar com as emoções interfere na sociedade? Como?
- ☀ Quais podem ser os benefícios e os malefícios de esconder os sentimentos?

ATIVIDADE

Máscaras: o que mostro e o que escondo?

Objetivo

Refletir sobre emoções, vulnerabilidade e as formas como aprendemos a nos proteger socialmente.

1. Desenho da máscara

Peça para cada participante desenhar um rosto ou uma máscara simples em uma folha de papel. Não precisa ser bonito ou elaborado, o desenho é apenas simbólico.



2. Divisão da máscara

Oriente os participantes a dividir a máscara em duas partes:

PARTE 1

*O que eu MOSTRO
para o mundo*

PARTE 2

*O que eu ESCONDO
do mundo*

3. Preenchimento da máscara

Os participantes podem preencher cada lado da máscara com:

palavras / sentimentos / comportamentos / expectativas / medos / pressões / ou qualquer coisa que sintam vontade de expressar.

4. Compartilhamento (opcional)

Quem quiser pode compartilhar: a máscara inteira, apenas uma parte, ou somente uma palavra da parte “o que escondo”.

Importante

Não force ninguém a falar. O objetivo é criar um espaço de confiança e mostrar que ninguém está sozinho em suas vulnerabilidades.

ENCERRAMENTO

Sugerimos concluir dizendo algo nas linhas de: “A máscara não é um fracasso. Muitas vezes ela é uma forma de defesa que aprendemos para sobreviver. Crescer também pode ser aprender, aos poucos, quando e com quem podemos tirá-la.”

Observação

Durante a sessão, podem surgir sentimentos de desconforto, resistência ou identificação. Todos são válidos, é necessário estar atento para evitar qualquer constrangimento ou bullying entre os participantes.

Referências artísticas

- Elisa Lucinda — A Fúria da Beleza ↗
- Livro: Conceição Evaristo — Canção para Ninar Menino Grande ↗
- Livro: Thiago de Mello — Os Estatutos do Homem ↗
- Gilberto Gil — Super-Homem, a Canção ↗
- Kay Rufai – Smiling Boys Project ↗

Atividade 04

Temática
Corpos Dissidentes

Objetivo

Promover a compreensão sobre corpos dissidentes e as diferentes formas de existir, estimulando respeito, empatia e valorização da diversidade. Fortalecer espaços seguros de expressão, combate às violências e construção de relações mais inclusivas e igualitárias.

Faixa etária
Jovens a partir de 13 anos

Duração da atividade
2 horas

Fique ligado!

- Utilizar linguagem acolhedora e respeitosa.
- Evitar termos ofensivos, patologizantes ou ultrapassados.
- Perguntar nome e pronome quando necessário e sempre respeitá-los.
- Evitar exposição forçada.
- Nunca exigir que participantes compartilhem vivências pessoais.
- Respeitar os limites, o tempo e a privacidade de cada pessoa.
- Reconhecer que a dissidência atravessa também raça, classe, território, corpo, religião e deficiência.

Materiais necessários

Folhas A4 Canetas Cartões com perfis (você encontra nas folhas de apoio ao final da cartilha)

Atividade sugerida

Julgamento do futuro

1. Organização dos grupos

Divida a turma em grupos de 6 pessoas.

2. Cada grupo deve se dividir em funções

Mediadora do debate / Relator/a / Defensores/as / Questionadores/as

3. Organização dos grupos

O grupo recebe uma lista com 12 personagens sociais (não são indivíduos, são lugares sociais)

Folha de Apoio e Perguntas ↗

4. Desafio

O tribunal precisa decidir:

- Quais 5 personagens deveriam ter sido mais valorizados para evitar o colapso social;
- Quais foram supervalorizados;
- Quais consequências essas escolhas trouxeram;

5. Regras do julgamento

- Todas as decisões devem ser argumentadas!
- É obrigatório citar impactos sociais (quem ganhou e quem perdeu)
- Não pode usar respostas prontas ou senso comum sem justificar
- O foco é estrutural, não moral.

6. Apresentação

Cada grupo apresenta:

- O veredito do tribunal: quem são as pessoas menos e mais ouvidas na sociedade e o que deveria mudar
- Os principais argumentos para isso

Uma frase síntese do tipo:

O futuro só falhou porque escolheu valorizar ____ e ignorar ____.

ENCERRAMENTO

perguntas para discussão

- Quais sentimentos surgiram durante a atividade?
- Foi difícil escolher quem ficaria e quem sairia? Por quê?
- Que critérios vocês usaram para decidir?
- Alguém foi excluído por preconceito ou estereótipos?
- Que valores apareceram nas escolhas do grupo?
- Quem pode de fato construir um novo mundo?

Termine com a seguinte poesia:

Corpos que não cabem

Bea Alves

Corpos dissidentes
São rios que nunca aceitaram barragem.
Eles transbordam porque nasceram para correr livre,
não para caber no medo do mundo.

Carregam marcas,
não porque escolheram a dor,
mas porque atravessaram desertos
onde muitos não ousariam pôr os pés.

São feitos de coragem antiga,
daquele tipo que a gente sente no peito
antes mesmo de saber o nome.
Corpos que se levantam
mesmo quando o dia nasce torto,
mesmo quando a rua olha torto,
mesmo quando o mundo inteiro
parece pedir silêncio.

Mas eles respondem com vida.
Vida que dança, que pinta a unha,
que beija na boca sem pedir desculpa,
que veste a pele como manifesto.

Corpos dissidentes
são faróis
iluminam sem permissão,
existem sem licença,
reinventam o amanhã
com cada passo que ousam dar.

E mesmo cansados,
seguem.
Seguem porque sabem
que existir é ato político,
que amar é revolução,
que viver é rasgar o impossível.

E nesses corpos
tão nossos, tão vivos, tão fortes
mora a prova mais bonita
de que a liberdade
tem carne,
tem cor,
tem voz,
tem nome,
e caminha pelas ruas
todos os dias,
mesmo com medo,
mesmo ferida,
mas sempre inteira.

Corpos dissidentes não pedem espaço.
Eles criam mundos.

Observação

Corpos dissidentes são aqueles que desafiavam padrões de gênero, sexualidade, corpo, posição social e formas de existir. Falar sobre eles é refletir sobre acolhimento, resistência, direitos e enfrentamento às violências e exclusões.

Referências artísticas

Linn da quebrada - Oração	↗
Bea Alves- Corpos Que Não Cabem	↗
Conexão G	↗

Para contextualizar

Violências de gênero são todas as formas de agressão, controle, humilhação ou opressão praticadas contra alguém por causa do seu gênero, identidade ou forma de existir. Elas atingem principalmente mulheres e pessoas LGBTQIAPN+, especialmente aquelas que desafiam normas sociais sobre corpo, comportamento e sexualidade.

Essas violências podem ser físicas, psicológicas, sexuais, morais ou patrimoniais e muitas vezes acontecem dentro de casa, cometidas por parceiros, familiares ou pessoas próximas. Elas estão ligadas ao machismo, à desigualdade de gênero e à ideia de controle sobre os corpos e escolhas das mulheres.

No Brasil, mulheres negras são as que mais sofrem e morrem em decorrência dessas violências, mostrando como racismo e desigualdade social intensificam a vulnerabilidade de grupos historicamente marginalizados.

Enfrentar a violência de gênero exige educação, acolhimento, fortalecimento de redes de apoio, políticas públicas, canais de denúncia acessíveis e responsabilização dos agressores.

(Ver folha de apoio ao final da cartilha para mais informações sobre diferentes tipos de violência de gênero).

Atividade sugerida

Identificando Violências

Para iniciar a atividade, a pessoa educadora pode apresentar as obras Bastidores, de Rosana Paulino, e A Negra Anastácia.

Em seguida, peça que os participantes observem atentamente as imagens e reflitam:

Essas obras representam algum tipo de violência? Se sim, quais?

A proposta é estimular a identificação de violências de gênero e refletir sobre: silenciamento, controle dos corpos, racismo, desigualdades históricas vividas pelas mulheres.

Atividade 05

Temática

Violências baseadas em gênero

Objetivo

Promover a empatia, refletir sobre diversidade, preconceitos, justiça social e estimular o pensamento crítico sobre quem é considerado “importante” ou “capaz” de construir uma sociedade.

Faixa etária

Jovens a partir de 13 anos

Duração da atividade

1h30

Fique ligado!

- ☀ Crie um ambiente seguro, sem obrigar ninguém a falar ou se expor.
- ☀ Evite julgamentos e comparações.
- ☀ Priorize escuta e reflexão, não debates sobre “certo ou errado”.
- ☀ Caso surjam relatos de violência, acolha sem pressionar.
- ☀ Tenha canais de apoio e encaminhamento disponíveis.
- ☀ Respeite os limites e o tempo de cada pessoa

Materiais necessários

post-it; cartolina; canetas coloridas

ATIVIDADE 1

Painel das Violências

1. Organização do painel

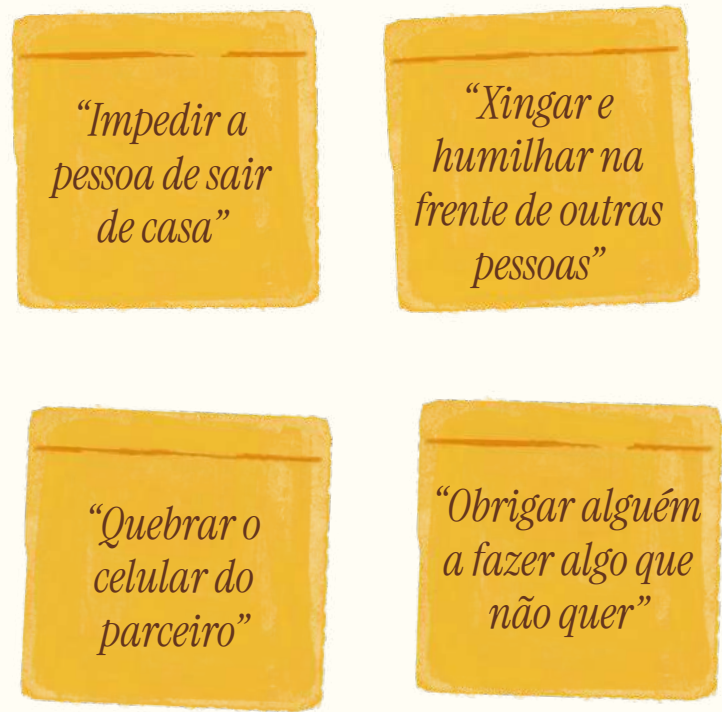
Na cartolina, escreva cinco categorias:

Violência Física	Violência Patrimonial
Violência Sexual	Violência Moral
Violência Psicológica	

2. Escrita das situações

Peça que os participantes escrevam, em post-its, situações do cotidiano que podem representar violência de gênero.

Exemplos:



Explique que não é necessário usar nomes reais, apenas situações.

3. Colagem dos post-its

Os participantes devem colar cada post-it na categoria de violência que consideram mais adequada.

4. Debate coletivo

Pergunte ao grupo:

- ☀ Algum post-it poderia estar em outra categoria?
- ☀ Qual tipo de violência apareceu mais?
- ☀ Qual dessas violências costuma ser mais invisibilizada?

Ao final, faça ajustes no painel junto com o grupo, construindo a reflexão coletivamente.

Leitura Final Poema:

Foi só briga de casa Bea Alves

Disseram rindo!
"isso se resolve em casa"
como se casa não fosse
o primeiro campo de batalha.

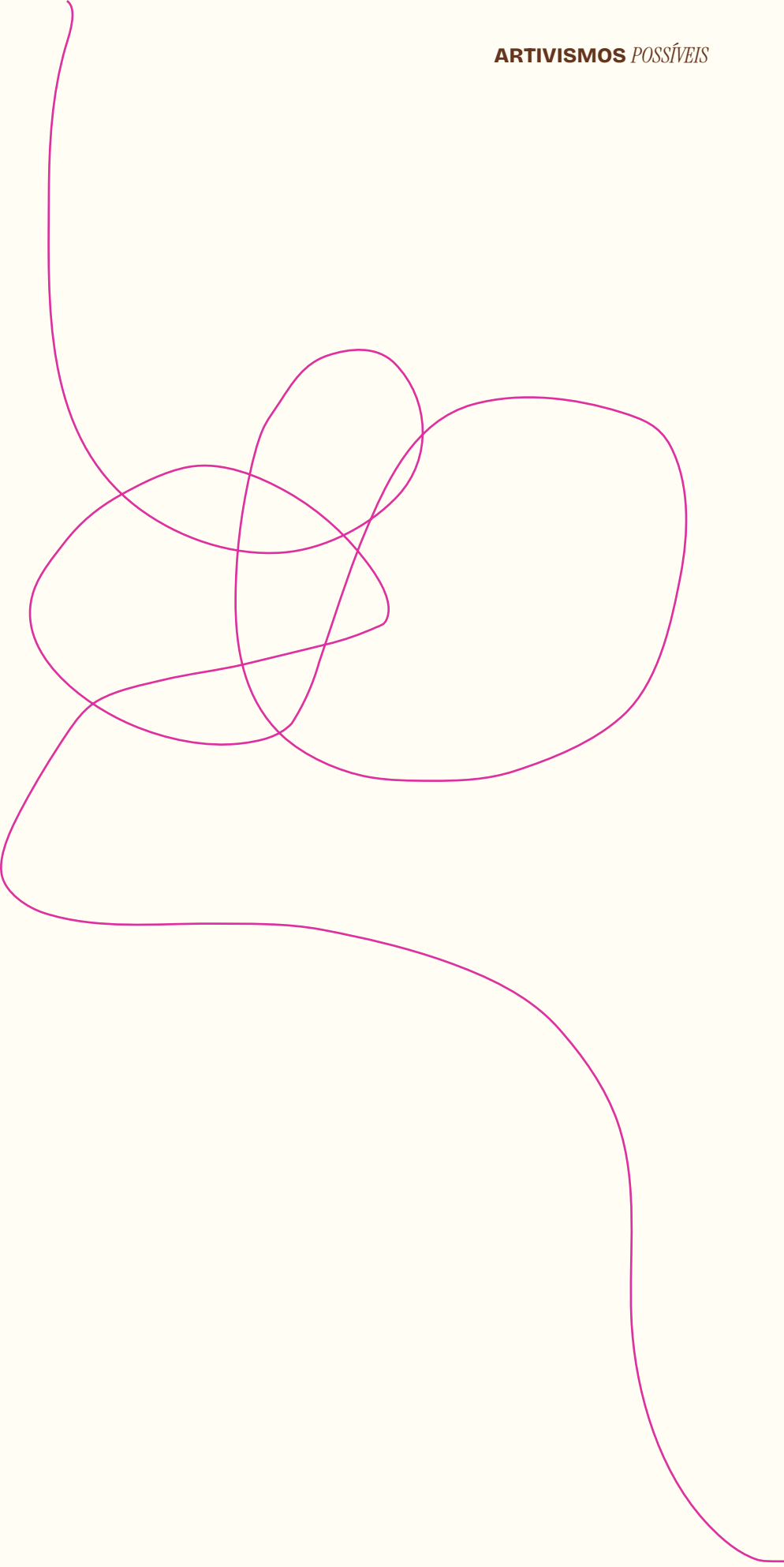
Chamaram de ciúme
de amor demais
de jeito difícil de amar
Nunca chamaram de crime
até o corpo cair no chão

A violência vem educada,
fala baixo,
pede desculpa depois
Tem testemunha que não viu,
vizinhança que não ouviu
justiça que chega tarde

Meu olho roxo não foi acaso
foi recado
Minha voz ferida
não foi falha
Foi um silêncio imposto

Não é drama
Não é exagero
É violência

E quem bate, responde
Quem cala, compactua
E quem sobrevive
não pede permissão
rompe, denúncia, vive.



Território

O território é muito mais do que um espaço geográfico. Ele é construído a partir das relações sociais, das experiências cotidianas, das memórias, dos afetos e das disputas que atravessam a vida coletiva. Pensar o território implica reconhecer que ele é, ao mesmo tempo, espaço de desigualdades e de possibilidades.

Em contextos urbanos marcados por profundas desigualdades, o território assume um papel central na organização da vida. No caso das favelas e periferias, por exemplo, ele influencia o acesso a direitos, como educação, saúde, mobilidade e segurança, ao mesmo tempo em que também é lugar de criação, resistência e produção cultural.

As condições territoriais impactam diretamente as trajetórias dos sujeitos. A forma como a cidade é organizada pode facilitar ou dificultar o acesso a oportunidades, produzir estigmas e reforçar desigualdades históricas.

Ao mesmo tempo, os territórios também são espaços onde se constroem redes de solidariedade, estratégias coletivas e formas de enfrentamento às violências.

Compreender o território exige, portanto, um olhar que reconheça, os saberes locais e as formas de organização comunitária. Trata-se de valorizar as experiências de quem vive o território, reconhecendo esses sujeitos como produtores de conhecimento e transformação.

Ao trabalhar o tema do território por meio da arte e da educação, cria-se a possibilidade de refletir sobre o espaço vivido, suas dinâmicas e seus significados, estimulando o pensamento crítico e o fortalecimento do pertencimento. Nesse processo, o território deixa de ser apenas cenário e passa a ser entendido como elemento ativo na construção das identidades, das relações e das possibilidades de futuro.



Atividade 01

Temática

Território em perspectiva

Objetivo

Estimular a compreensão do território como um espaço social e coletivo, refletindo sobre como ele influencia o acesso a direitos, as relações sociais e as formas de viver e ocupar a cidade.

Faixa etária

Jovens a partir de 12 anos

Duração da atividade

2 horas

Materiais necessários

Folhas de papel A4 ou A3, Lápis grafite; Canetas hidrográficas; Canetinhas coloridas; Tesouras; Tecido cru em tamanho grande (para montagem coletiva); Cola para tecido ou fita adesiva; Retalhos de tecido coloridos; Alfinetes (opcional, para fixação prévia).

Fique ligado!

- Preparar previamente o espaço, garantindo mesas amplas ou área no chão para o desenvolvimento da atividade.
- A pessoa facilitadora deve ter familiaridade com o conceito de território e suas múltiplas dimensões (social, cultural, simbólica e espacial).
- Conduzir a atividade sem pressupor condições socioeconômicas específicas, valorizando a diversidade de contextos territoriais.
- Espaço: organização em círculo ou no chão, estimulando horizontalidade e colaboração.
- A atividade prevê o uso de tecidos, mas pode ser adaptado para o uso de diferentes materiais disponíveis
- É importante preparar diferentes tipos de mapa para inspirar o trabalho coletivo.
- A pessoa facilitadora pode utilizar uma ambientação sonora durante a etapa de construção artística da atividade.

Atividade sugerida

ABERTURA

Roda de conversas

Organize o grupo em roda e inicie uma conversa a partir de uma atividade de memória sensorial sobre o território.

Perguntas orientadoras

- Se o seu território tivesse uma cor, qual seria?
- Que cheiro lembra o seu território?
- Que imagem representa o lugar onde você vive?
- Que comida ou sabor te faz lembrar do seu território?
- Que sensação o seu território te traz? (acolhimento, correria, alegria, medo, saudade etc.)

Aprofunde a conversa com perguntas sobre experiências e percepções do cotidiano:

- O que é território para você?
- Quando você pensa no seu território, quais lugares vêm à sua cabeça?
- Quais espaços você mais frequenta no dia a dia?
- O que existe de bom no seu território?
- O que está faltando ou poderia melhorar?
- Quais serviços existem perto de você? (posto de saúde, escola, CRAS, projetos, transporte etc.)
- É fácil ou difícil acessar esses serviços? Por quê?
- Você sente que seus direitos são respeitados onde vive?

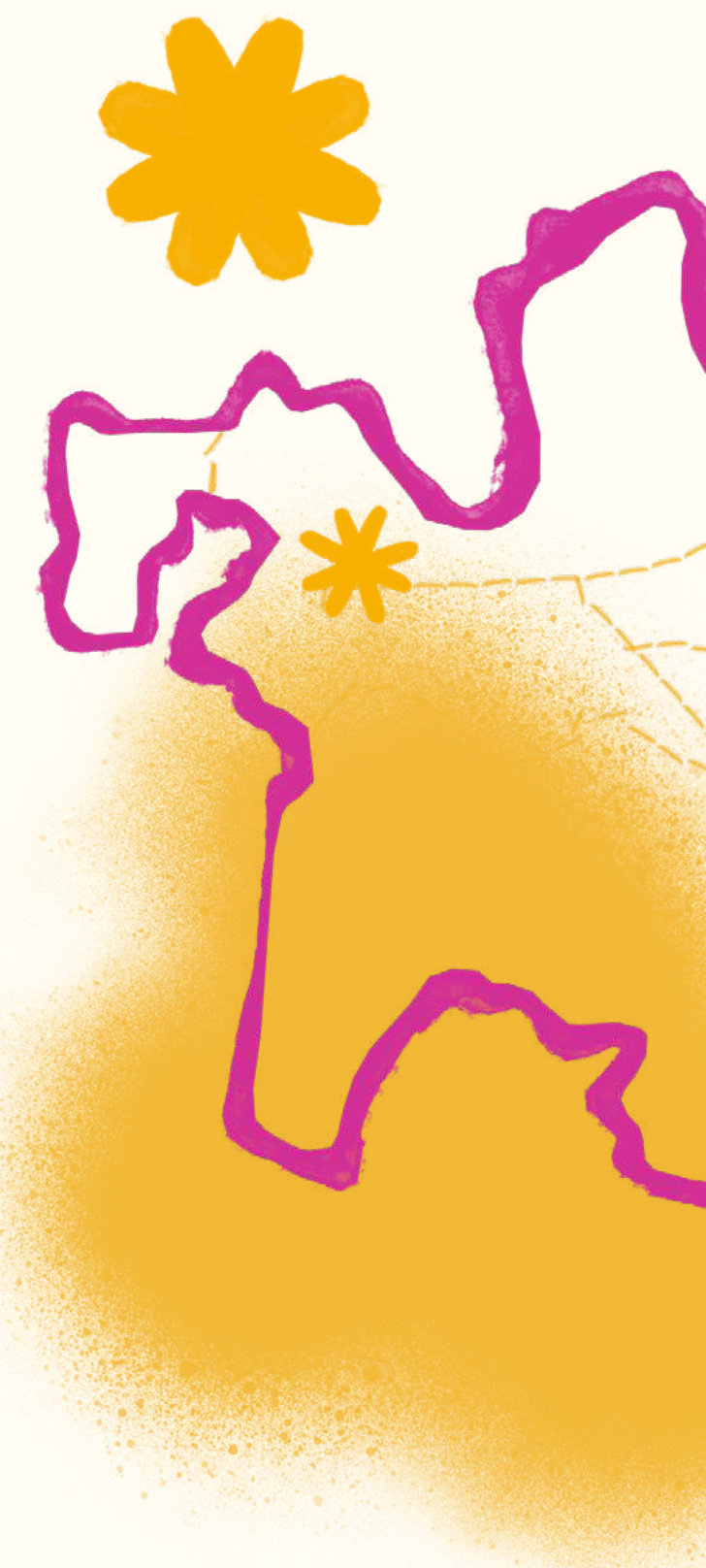
Na sequência, o facilitador pode apresentar diferentes tipos de mapas para inspirar o grupo para a próxima etapa.

Mapa individual do território vivido

Distribua os materiais e oriente cada participante a criar um mapa livre do território onde vive ou circula com mais frequência.

O mapa pode destacar:

- Espaços do cotidiano (casa, escola, trabalho, lazer)
- Locais de encontro e convivência
- Pontos, locais que facilitam ou dificultam a circulação
- Lugares importantes ou marcantes



Leitura crítica do território

Após os desenhos, abra um momento de compartilhamento e reflexão coletiva.

Perguntas para debate

- Quais espaços apareceram com mais destaque?
- Onde a circulação parece mais fácil ou mais difícil?
- Que relações sociais esse território favorece ou limita?
- Você já deixou de fazer algo por causa do lugar onde mora?

Essa etapa busca ampliar o olhar individual para uma análise coletiva da organização do espaço.

Construção do mapa coletivo

Peça que cada participante recorte, em tecido, uma forma que represente parte do território desenhado.

Em um grande tecido cru, o grupo irá montar um mapa coletivo, acrescentando, símbolos, palavras ou desenhos que expressem:

- Elementos do território/bairro
- Dinâmicas de circulação
- Espaços de encontro
- Ausências percebidas (coisas que faltam)
- Potências e características comuns entre os territórios

Compartilhamento e análise coletiva

Com o mapa coletivo finalizado, abra um momento para que cada participante explique o que incluiu e por quê.

Perguntas para reflexão

- Que semelhanças e diferenças aparecem entre os territórios?
- O que esse mapa revela sobre nossas experiências?
- Como o território/bairro influencia relações, oportunidades e rotinas?

Possíveis desdobramentos

O mapa coletivo pode virar um painel expositivo.

Registrar falas e imagens do processo pode gerar materiais pedagógicos futuros.

A atividade pode ser adaptada para escolas, centros culturais, instituições sociais e espaços comunitários.

Também pode se desdobrar em caminhadas pelo território, pesquisas de campo e entrevistas com moradores do território/bairro.

ENCERRAMENTO

Finalize com uma leitura, apresentação artística ou roda de conversa, reforçando o território como espaço de memória, identidade e construção coletiva.

Referências e Materiais de Apoio

- Otobong Nkanga — Revelations (2020)
- “Mapa da Minha Rua” — projetos de cartografia afetiva desenvolvidos por redes comunitárias
- Ernesto Neto — obras sobre coletividade, território e experiências sensoriais
- Rosana Paulino — trabalhos sobre memória, ancestralidade e identidade
- Da Minha Janela — livro de Otávio Júnior

Referências de fotografia e território

- Fotocria
- Bruno Itan
- Ratão Diniz
- VZ da Gávea
- Maré Crew



Atividade 02

Temática
Vozes do território

Objetivo
Promover a reflexão sobre como o território onde vivem influencia quem são e como se relacionam no mundo.

Faixa etária
A partir de 12 anos

Duração da atividade
2 horas

Fique ligado!

- Garantir um ambiente respeitoso e seguro para expressão artística.
- Reforçar que o foco é o território como espaço de vida, cultura e potência, não apenas dificuldades.
- Oferecer diferentes formas de participação: escrever, falar, cantar, criar refrão ou apenas acompanhar.
- Adaptar a proposta conforme o grupo: como continuação de um mapa coletivo ou como atividade única.

Materiais necessários

Papéis ou cartolinas para escrever versos; Canetas e canetinhas coloridas; Fita adesiva; Caixa de som (opcional); Celular para gravação (opcional);

Se for continuação da atividade anterior: mapa coletivo de tecido ou mural territorial já construído com a outra atividade.

Atividade sugerida

OPÇÃO 1

Continuação de uma atividade anterior

1. Revisitar o território 15 min

Coloque o mapa coletivo ou outro mapa do território no centro da roda e pergunte:

- O que aparece aqui que é importante para nós?
- Que parte do território mais marcou o grupo?
- Que palavras combinam com esse lugar?

A ideia é revisitar memórias e inspirações sem refazer todo o processo.

2. Palavras que o território diz 20 min

Cada participante escolhe um ponto do mapa e escreve uma frase curta, por exemplo:

“Aqui a gente aprende...”

“Nosso território tem...”

“Esse lugar me lembra...”

As frases podem formar um painel coletivo de inspiração.

OPÇÃO 2

Atividade independente

1. Território em uma palavra 15 min

A pessoa facilitando a atividade propõe:

“Se o território onde você vive fosse uma música, qual seria a primeira palavra?”

Cada participante fala uma palavra e a facilitação registra tudo em um mural coletivo.

2. Pequeno mosaico de potências 20 min

A pessoa facilitando a atividade propõe:

- Um lugar importante
- Uma memória
- Algo que o território ensina
- Uma potência do cotidiano

ETAPAS COMUNS DA ATIVIDADE

(seguir o mesmo processo para as duas opções propostas)

3. Criação de um refrão coletivo 20 min

O grupo cria junto um refrão curto e repetível, por exemplo:

“Esse é o nosso chão, nossa história e nosso som. No território a gente vive, aprende e faz conexão.”

4. Criação dos versos em grupos 30 min

Divida os participantes em pequenos grupos para criar estrofes sobre:

- Quem somos nesse território
- O que ele nos ensina
- Como nos conectamos e cuidamos uns dos outros
- O que sonhamos para o futuro

5. Montagem e apresentação da música/hino 25 min

Juntar refrão e versos para apresentar em diferentes formatos:

Hino

Rap

Slam

Poesia coletiva

(Se possível e autorizado, grave a apresentação como memória do encontro)

6. Perguntas para reflexão final

Juntar refrão e versos para apresentar em diferentes formatos:

- ☀ O que nosso hino conta sobre o território?
- ☀ O que ele revela sobre nossas relações?

Finalize convidando cada participante a completar a frase:

“Nosso território é...”

Observação

- ☀ A atividade pode ser usada tanto como etapa final de um percurso (após o mapa coletivo) quanto como proposta única.
- ☀ O hino pode ser ampliado ao longo do projeto, ganhando novas estrofes.
- ☀ Pode se tornar produto artístico para sarau, mostra cultural ou encontro comunitário.



Atividade 03

Temática

Racismo Ambiental: quem paga o preço da crise climática?

Objetivo

Compreender como o racismo ambiental afeta diferentes territórios em nossas sociedades

Faixa etária

a partir de 10 anos (adaptável)

Duração da atividade

2 horas

Materiais necessários

- ☀ A pessoa facilitadora pode apresentar slides com notícias, imagens e dados ambientais relacionados ao próprio território do grupo, estimulando reflexões sobre como questões ambientais afetam o cotidiano, a circulação, a saúde e a qualidade de vida da comunidade.
- ☀ Dois baldes/caixas de sapato com uma folha escrita “justiça ambiental” e “injustiça ambiental” colado em cada um.
- ☀ Cartões A5 com frases relacionadas ao meio ambiente (ver atividade abaixo).

Atividade sugerida

1. Sensibilização 20 min

A pessoa facilitadora inicia a atividade com perguntas provocadoras sobre meio ambiente e território, por exemplo:

- ☀ Existe água potável todos os dias no seu território?
- ☀ Existem áreas verdes perto de você?
- ☀ Como o ambiente onde você vive impacta sua saúde?
- ☀ Quais problemas ambientais mais afetam sua comunidade?
- ☀ Você sente que todas as pessoas têm acesso igual a um ambiente saudável?

O objetivo é estimular reflexões sobre desigualdade ambiental e qualidade de vida.

2. Fake ou Fato? 20 min

A pessoa facilitadora apresenta slides com notícias, imagens e dados ambientais relacionados ao próprio território do grupo, trazendo exemplos de riscos e desafios ambientais locais.

Exemplo de referência

Entendendo os riscos climáticos na Maré

Observação

os exemplos devem ser adaptados ao território onde a atividade acontece.

Durante a atividade, o grupo debate:

- ☀ O que é fato?
- ☀ O que é desinformação?
- ☀ Como questões ambientais afetam diferentes territórios de formas desiguais?

2. Dinâmica dos Baldes/Caixas

15 min

Utilize dois baldes ou caixas, onde cada um esteja escrito



Apresente para os participantes cartões com situações do cotidiano que são relacionadas a meio-ambiente

Exemplos de situações para escrever nos cartões (adicionar o que seja relevante para o grupo envolvido):

- ✱ Falta de coleta de lixo
- ✱ Áreas verdes comunitárias
- ✱ Enchentes frequentes
- ✱ Água contaminada
- ✱ Transporte público acessível
- ✱ Poluição próxima às casas
- ✱ Lixo na rua

Acionando a atividade

Cada grupo deve decidir em qual balde colocar cada situação e explicar o motivo da escolha.

O objetivo é refletir sobre acesso desigual aos direitos ambientais, impactos ambientais nos territórios, e responsabilidade coletiva.

FECHAMENTO CRIATIVO

Notícias do Futuro

Pergunta orientadora

“Que direitos ambientais eu gostaria de noticiar sobre o meu território no futuro?”

Em pequenos grupos, os participantes criam notícias imaginando um futuro mais sustentável, justo e saudável para a comunidade.

As notícias podem abordar:

Melhorias ambientais

Acesso à água e saneamento

Áreas verdes

Mobilidade na cidade

Fortalecimento comunitário

Os grupos podem apresentar as notícias em formato de:

telejornal

rádio

podcast

manchete de jornal

post em mídias sociais

leitura coletiva

Finalizar encorajando os grupos participantes a apresentar suas notícias.

Referências e Materiais de Apoio

Diagnóstico Socioambiental EcoClima ↗

Luana Vitra — Pulmão da Mina ↗

Xadalu Tupã Jekupé — Invasão Colonial: Meu Corpo, Nosso Território (2019) ↗

Linguagens artísticas

Música

Fotografia

Atividade 04

Temática

Retratos do nosso lugar: memórias e resistência

Objetivo

Estimular o olhar crítico dos participantes sobre o território em que vivem, utilizando a fotografia como ferramenta de leitura política, memória e reivindicação de direitos.

Faixa etária

A partir de 12 anos (adaptável para diferentes idades).

Duração da atividade

2 horas

Materiais necessários

- ☀ Fotos antigas do território/bairro (acervo pessoal, internet, moradores antigos ou fotógrafos do território);
- ☀ Celulares ou câmeras fotográficas para a saída fotográfica;
- ☀ Papel e canetas ou computador;
- ☀ Impressão das fotos (opcional, conforme disponibilidade da pessoa facilitadora).

Fique ligado!

- ☀ Evite reforçar estigmas sobre o território ou seus moradores. O foco deve estar nas desigualdades, direitos e políticas públicas, e não em responsabilizar indivíduos.
- ☀ Garanta uma escuta acolhedora e respeitosa. Conversas sobre território podem despertar emoções, memórias e relatos de violência.
- ☀ Oriente sobre o direito à imagem e à privacidade. Fotos de pessoas só devem ser feitas com autorização, especialmente de crianças e adolescentes.
- ☀ Adolescentes. Sempre que possível, priorize registros de espaços, paisagens e cenas do cotidiano sem exposição constrangedora.
- ☀ O direito à imagem e à privacidade é garantido pela Constituição Federal (Art. 5º, inciso X).

Atividade sugerida

Conversa inicial

A pessoa facilitando a atividade apresenta fotos antigas do território e propõe uma roda de conversa a partir de perguntas como:

- ☀ Que lugar é esse?
- ☀ Quem aparece nas fotos?
- ☀ Para quem a cidade foi pensada naquele momento?
- ☀ Que transformações aconteceram ao longo do tempo?
- ☀ Quem ganhou e quem perdeu com essas mudanças?
- ☀ Quais direitos parecem ter sido garantidos? Quais foram negligenciados?

A proposta é refletir sobre a fotografia como uma linguagem política, capaz de registrar histórias, memórias, ausências, desigualdades e transformações do território.

Possíveis desdobramentos da atividade

São apresentadas duas propostas de continuação: uma produção de carta-manifesto e uma saída fotográfica pelo território.

1. Produção da carta-manifesto

A carta-manifesto tem origem em movimentos sociais, políticos, culturais e artísticos, sendo historicamente utilizada para:

Reivindicar direitos

Denunciar desigualdades

Afirmar identidades

Propor novas formas de pensar a sociedade e a vida coletiva.

Produção coletiva

Divida os participantes em grupos de até 8 pessoas para produzir uma carta-manifesto sobre o território.

A carta pode incluir:

- ☀ Descrição do território ontem e hoje;
- ☀ Problemas identificados;
- ☀ Desejos e reivindicações;
- ☀ Sonhos e propostas de transformação.

2. Saída fotográfica no território

Antes da saída, o grupo define coletivamente quais espaços serão fotografados, como ruas, praças, escolas, espaços de convivência, moradias, comércios, áreas de encontro da comunidade.

A pessoa facilitadora deve orientar sobre ética na fotografia, respeito ao espaço coletivo, e autorização para fotografar pessoas.

Finalizar falando sobre a importância de mantermos a memória e os processos de desenvolvimento do nosso território registrado, tanto para garantir direitos quanto para manter viva a história local e o pertencimento da comunidade. As fotos ou manifesto criados pelos participantes podem virar uma exposição na escola, centro comunitário ou bairro.

Observação

A atividade deve reforçar o sentimento de pertencimento e reconhecimento do território como espaço de vida, cultura e potência e reivindicando melhorias e direitos.

Referências de fotografia e território

Vitória Corrêa @fotosdecria_a

Click Campell @click_campell

Francisco Valdean @franciscovaldean
(curador do Museu MIIM)

Arthur Viana @artevianaa

Jones @hey__jones

A Fotografia @afotografaria

Imagens do Povo @Imagensdopovooficial

Ratão Diniz @rataodiniz

Agradecimentos

Este guia nasce do encontro entre arte, escuta, afeto e resistência entre jovens mulheres residentes de territórios periféricos no Rio de Janeiro. Agradecemos profundamente às Jovens Artistas que compartilharam suas vivências, criações e reflexões ao longo desse percurso coletivo, assim como às organizações, educadores, pesquisadores e territórios que tornaram este processo possível.

Esperamos que este material possa inspirar novas conversas, fortalecer redes de cuidado e estimular práticas criativas comprometidas com justiça social, igualdade de gênero e transformação coletiva em todas as idades.



Material de apoio

FOLHA DE APOIO

ATIVIDADE 04 - ARTIVISMOS POSSÍVEIS: RAÇA

Aqui estão reunidos sugestões de marcos históricos e personalidades de referência para discutir questões étnico-raciais no contexto brasileiro. Recorte os cards com cada um dos marcos ou pessoas de interesse e utilize-os na atividade. O objetivo é organizar os acontecimentos em ordem cronológica e relacionar os marcos históricos às personalidades e aos contextos apresentados, estimulando reflexões sobre memória, resistência, identidade e transformação social.

 Aqualtune (c. 1600–1675)

Liderança do antigo Reino do Congo, resistiu à escravização e teve papel central na formação do Quilombo dos Palmares.

 Maria Felipa de Oliveira (c. 1790–1873)

Participou da luta pela Independência da Bahia, liderando ações de resistência contra embarcações portuguesas em 1823.

 Luiz Gama (1830–1882)

Advogado, escritor e abolicionista que libertou centenas de pessoas escravizadas por vias legais, revolucionando o uso do direito no Brasil.

 Abolição da Escravidão (1888)

A assinatura da Lei Áurea marcou o fim oficial da escravidão no Brasil. Mesmo assim, a população negra continuou enfrentando desigualdades e exclusão social.

 Carolina Maria de Jesus (1914–1977)

Escritora e catadora de papel, autora de Quarto de Despejo, obra que denunciou a fome, a pobreza e o racismo nas periferias brasileiras.

 Abdias do Nascimento (1914–2011)

Artista, escritor e ativista que fundou o Teatro Experimental do Negro, marco importante do movimento negro brasileiro.

 Carlos Marighella & Ditadura Militar Brasileira (1911–1969)

Durante a ditadura militar, movimentos negros e populares reorganizaram formas de resistência. Marighella fundou a Ação Libertadora Nacional (ALN), uma das principais organizações de enfrentamento ao regime militar. Em 1978, surgiu também o Movimento Negro Unificado (MNU), em resposta à violência policial e ao racismo estrutural.

Linha do tempo com marcos nacionais e internacionais

CATEGORIAS

 *Pessoa*

 *Marco histórico*

 Milton Santos (1926–2001)

Geógrafo e intelectual brasileiro que revolucionou a geografia crítica ao analisar a globalização a partir de uma perspectiva anticolonial.

 Lélia Gonzalez (1935–1994)

Intelectual e ativista fundamental para o feminismo negro brasileiro. Criou o conceito de Amefricanidade, valorizando as conexões entre culturas negras e indígenas da América Latina.

 Conceição Evaristo (1946–...)

Intelectual e ativista fundamental para o feminismo negro brasileiro. Criou o conceito de Amefricanidade, valorizando as conexões entre culturas negras e indígenas da América Latina.

 Prisão de Angela Davis (1970–...)

Sua prisão mobilizou movimentos antirracistas e anticarcerários em diferentes partes do mundo, tornando-se símbolo global de resistência.

 Ailton Krenak (1987–...)

Seu discurso na Assembleia Constituinte tornou-se símbolo da luta indígena contra o apagamento cultural e pela garantia de direitos.

 Sueli Carneiro (1988–...)

Fundou o Geledés – Instituto da Mulher Negra, referência nacional na luta antirracista e antissexista.

 Constituição Federal reconhece o racismo como crime (1988)

Pela primeira vez, o racismo passou a ser considerado crime inafiançável e imprescritível no Brasil.

 Lei 10.639/03 (2003)

Tornou obrigatório o ensino da história e cultura afro-brasileira e africana nas escolas.

 Lei 11.645/08 (2008)

Ampliou a legislação educacional para incluir também o ensino da história e cultura indígena nas escolas brasileiras.

 Grada Kilomba (2008)

Publicou Memórias da Plantação, obra fundamental para os debates contemporâneos sobre racismo, colonialismo e memória.

 Lei de Cotas Raciais nas Universidades Federais (2018)

A Lei 12.711 garantiu maior acesso de estudantes pretos, pardos e indígenas ao ensino superior público.

 Marcha das Mulheres Negras em Brasília (2014)

Milhares de mulheres negras de todo o país marcharam contra o racismo, o machismo e a violência, em defesa da vida e dos direitos da população negra.

 Nego Bispo (20223)

Intelectual quilombola que formulou o conceito de contracolonialidade, valorizando saberes ancestrais e quilombolas como formas de resistência e produção de conhecimento.

FOLHA DE APOIO

ATIVIDADE 05 - ARTIVISMOS POSSÍVEIS: GÊNERO

Violência Física, acontece quando há agressão que machuca o corpo: tapas, socos, empurrões, chutes, queimaduras, uso de armas, impedimento de comer ou dormir.

Violência Psicológica, é qualquer comportamento que cause dano emocional como: ameaças, xingamentos, humilhações, controle do comportamento, isolamento da família/amigos, chantagem emocional.

Violência Moral, é quando a vítima é atacada na honra e reputação: falsas acusações, difamação, calúnia, espalhar boatos, insultos sobre caráter.

Violência Sexual, é qualquer ato sexual forçado, sem consentimento ou por coerção: estupro, obrigar a manter relações, impedir o uso de camisinha, assédio sexual, toques não autorizados, "chantagem sexual" no trabalho.

Violência Patrimonial, acontece quando bens, documentos ou dinheiro da vítima são controlados ou destruídos: tomar cartão, impedir acesso ao salário, quebrar objetos, rasgar documentos, controlar gastos

Violência econômica, Quando a vítima é impedida de trabalhar ou ter autonomia financeira: proibir de estudar ou trabalhar, controlar cada gasto, usar o dinheiro da vítima sem permissão.

Violência Obstétrica, Ocorre durante o pré-natal, parto ou pós-parto: negar anestesia, fazer procedimentos sem consentimento, humilhar a gestante, impedir acompanhante.

Violência Institucional, Quando instituições (polícia, hospitais, escolas, justiça) tratam a vítima com descaso ou preconceito: minimizar denúncias, culpabilizar a vítima, atendimento negligente, demora proposital.

Violência Política, atinge mulheres em espaços políticos por causa do gênero: ataques, insultos misóginos, exclusão de decisões, deslegitimação da fala, assédio virtual.

Violência Digital, acontece em redes sociais ou internet: vazamento de fotos íntimas, perseguição online, ameaças, criação de perfis falsos, exposição da vida privada.

Feminicídio, É o assassinato de mulheres por motivo de gênero, grande parte dos assassinatos são por parceiros ou ex-parceiros

CANAIS DE DENÚNCIA

Violência de Gênero

Disque 100 (Direitos Humanos):

recebe denúncias de violações de direitos, incluindo violência sexual, negligência, discriminação e situações que violam a autonomia corporal.

180 (Central de Atendimento à Mulher):

canal específico para denúncias de violência contra mulheres, incluindo violência sexual, psicológica, moral e física.

190 (Polícia Militar):

casos de emergência ou risco imediato.

Delegacia Especializada de Atendimento à Mulher (DEAM): atendimento presencial para registrar boletim de ocorrência e solicitar medidas legais.

Conselho Tutelar: para casos envolvendo adolescentes e jovens menores de 18 anos, especialmente em situações de violência, abuso ou negligência.

CREAS: oferece atendimento psicossocial para vítimas de violência e violação de direitos.

TRANSFORMAMOS

RENÚNCIA

EM

LUTA

Créditos

ARTIVISMOS possíveis



JOVENS ARTIVISTAS

Letícia Guimarães
Fernanda Luiza Viana
Ana Beatriz Alves
Raquel Marreiro
Alessandra Maria
Laryssa Maia
Anna Silva
Tayssa Magalhães

COORDENAÇÃO GERAL DE CONTEÚDO

Dayana Sabany

PRODUÇÃO

Stéfany Silva

COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA

Julia Leal

COORDENAÇÃO - CASA DAS MULHERES DA MARÉ

Myllenne Fortunato

EDIÇÃO E REVISÃO

Renata Pepl

EQUIPE DE PESQUISA

PESQUISADORA PRINCIPAL

Cathy McIlwaine - (King's College London)

COORDENAÇÃO DE PESQUISA / ASSISTENTE DE INVESTIGAÇÃO

Renata Pepl

PESQUISADORA PÓS-DOUTORAL

Bruna Montuori

COORDENAÇÃO DE PESQUISA - REDES DA MARÉ

Julia Leal

EDUCADORA ARTÍSTICA - WORKSHOPS

Dayana Sabany

PRODUÇÃO DOS WORKSHOPS

Stéfany Silva

COORDENAÇÃO WOW - WOMEN OF THE WORLD

Colette Bailey
Sabeena Akhtar

REALIZAÇÃO



PARCEIROS



APOIO



Arts and
Humanities
Research Council

GRANT REFERENCE: AH/Z506345/1

